

NORDESTE: CONHECENDO E VALORIZANDO SUA CULTURA

Wesley Hericles Almeida Lopes; Alex Pereira do Nascimento; Ramires Vieira Gomes; Juliana Fernanda Vieira Souza; Elias Linhares de Melo; Msa. Eliene Alves Fernandes; Msa. Ana Maria Carneiro Almeida Diniz.

(Universidade Estadual da Paraíba. wesley.almeida.lopes@hotmail.com; allexnascimento7@gmail.com; ramiresvieirabc@gmail.com; julianafvs@gmail.com; elias_linharees@hotmail.com; ajlnalves@hotmail.com; ana_diniz_4@gmail.com)

Resumo: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) são documentos elaborados para auxiliar os professores na sua maneira de como abordar o assunto em sala de aula. Partindo do pressuposto de que o professor deve deixar de ser apenas transmissor do conhecimento e passar a focar no processo de aprendizagem do aluno, a utilização de temas transversais na sala de aula acaba sendo a sua principal recomendação, haja visto que a mesma contribui para fomentar o senso crítico do aluno, pois insere-se, de fato, em sua realidade. O presente artigo trata-se de um relato de experiências que visa ampliar o universo linguístico acerca da cultura Nordestina, uma vez que se constitui de uma temática rica que podem ser explorados diversos tipos de linguagens; resgate de brincadeiras, culinária típica e valorização das tradições culturais para que os educandos possam conhecer, incorporar e preservar os saberes culturais dessa região. O miniprojeto foi desenvolvido na turma do 3º ano do ensino médio no turno da noite na EEEFM João Suassuna, na cidade de Catolé do Rocha – PB, que buscou enaltecer a cultura e as tradições nordestinas. Objetivamos reconhecer e valorizar a cultura popular, percebendo as variações linguísticas de vocabulários e refletindo sobre as práticas de xenofobia e de aversão ao nordestino por meio de atividades como: exibição do filme “Cine Holliúdy” de Helder Gomes; explanação das figuras ilustres nordestinas e suas respectivas contribuições para com a literatura; pesquisas sobre a cultura regional: costumes, culinária, folclore, literatura e músicas; e por fim, a produção de textos para elaboração de dissertações-argumentativas.

Palavras-chave: Nordeste, Transversalidade, Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Este estudo é um relato de experiência do projeto de intervenção disciplinar intitulado de “Nordeste: conhecendo e valorizando sua cultura”, que buscou reconhecer sob um olhar diferente a região nordestina, visa perceber as variações linguísticas de vocabulários e refletir sobre as práticas de xenofobia e aversão ao nordestino, explanando figuras ilustres nordestinas e suas respectivas contribuições para com a literatura e cultura regional e enaltecer os costumes, culinária, folclore, literatura e músicas regionais.

Pesquisar sobre a cultura nordestina é ir além, pois é um tema muito abrangente e necessita de muita discussão e debate na sala de aula, além de seminários, apresentações, pesquisas, atividades em grupo, etc.

Estudar as riquezas desse povo, suas raízes culturais, será uma ótima oportunidade de perceber que os aspectos sociais da região nordeste trazem elementos próprios, como a linguagem, os símbolos que representam os fatos históricos ali acontecidos, além da arte, alimentação.

Percebe-se por meio dos bolsistas a preocupação em transmitir valores, resgatar a herança cultural, bem como os conhecimentos linguísticos relativos à escrita e a oralidade, os quais são primordiais para formação de indivíduos familiarizados com as variações da língua e capacitados a uma efetiva comunicação. O projeto trabalhou com atividades dinâmicas e prazerosas que cause reflexão nos alunos quanto aos valores e criticidade sobre os subtemas inseridos no tema geral.

UM OLHAR ACERCA DA CULTURA NORDESTINA

Ao falarmos do Nordeste, não podemos apenas visar nos discursos transmitidos pela mídia, uma vez que é impossível criar uma ideia sobre o mesmo, sem antes haver conhecimento do local. A região sofreu um processo de reconstrução na sua identidade com o decorrer dos anos, perpassando a seca que assolou a região, como Rachel de Queiroz retrata em sua obra “O Quinze” e dá ênfase à imagem, diferente dos meios de comunicação, mostra o sertanejo batalhador, que apesar das dificuldades não baixa a cabeça para as adversidades da vida. Torna-se um equívoco rotular a percepção sobre seu povo por um momento histórico vivenciado.

Como afirma Albuquerque (2001, p.21):

Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela.

A riqueza cultural nordestina é bastante ampla e variada, indo além de manifestações folclóricas. No que diz respeito à literatura, destacam-se grandes nomes como Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, Patativa do Assaré, Clarice Lispector, Jorge Amado, dentre outros que contribuem para sua fortuna literária. Evidencia-se na referida região a capoeira, o maracatu, forró, frevo, e outras mais singularidades de dança. Ainda contempla-se nessa região uma grande bagagem musical, onde valoriza-se o axé, o forró, o baião, o samba de roda, entre outros ritmos. Não é possível falar em música nordestina e não falar no grande Luíz Gonzaga, em que por meio delas ele conseguiu transmitir a realidade desse povo, como Albuquerque (2001, p.157) ressalta:

Luiz Gonzaga assume a identidade de ‘voz do Nordeste’, que quer fazer sua realidade chegar ao Sul e ao governo. Sua música ‘quer tornar o Nordeste conhecido em todo o país’, chamando atenção para seus problemas, despertando o interesse por suas tradições e ‘cantando suas coisas positivas.

Sendo assim o nordeste é conhecido por ser local de um legado cultural brasileiro, em que se encontram diversas pluralidades culturais e artísticas que traduzem todos esses aspectos citados anteriormente.

O regionalismo no ensino de língua portuguesa

Ao trabalharmos com regionalismo, podem-se destacar várias características marcantes que englobam o tal. Dentre elas, elencamos temas relevantes para serem trabalhados nas aulas de língua portuguesa, já que o ensino de língua materna deve levar em consideração as variáveis de ensino e aprendizagem.

Para os PCN's de língua portuguesa (1998), o ensino acontece por meio de uma tríade que é formada pelo aluno, através dos conhecimentos com os quais se opera a prática e o ensino.

O aluno é agente da ação da aprendizagem, que pode atuar sobre o objeto de estudo. O segundo elemento da tríade são os conhecimentos que são envolvidos nas práticas sociais de linguagem e por fim, o terceiro elemento que é o professor e sua prática educacional, que organiza a mediação entre conhecimentos e o sujeito.

Sobre a prática e o papel do professor de língua portuguesa, pode-se afirmar por meio da fala dos PCN's (1998, p.22) que: “Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva.”

Antunes (2003 p.108) decorre, em sua obra Aulas de português: encontro e interação, que é necessário ressaltar sempre que o professor parece estar acostumado a esperar que seja dito o que se deve fazer, seguir a risca o que manda o livro didático e esquece-se de criar, interagir e agir sobre sua própria didática. É dessa forma que surge o professor “transmissor de conhecimento”, ou para ser mais exato de “conteúdo”. A tarefa do professor nesse ponto de vista seria dar aula, explicar com eficiência e ênfase que é o cerne da profissão. O referido autor discorda dessa imagem de “professor transmissor” quando nos diz que: “O professor precisa ser visto (inclusive pelas instituições competentes) como alguém que, com os alunos (e não para os alunos), pesquisa, observa, levanta, hipóteses, analisa, reflete, aprende, reaprende.”.

Assim, pode-se dizer que para ensinar uma língua é necessário compreender que ela não é algo morto, mas sim um objeto de estudo que se modifica, e que se transforma em meio às práticas ocorridas em nosso dia-a-dia por meio da vivência dos sujeitos que a falam, e nesse caso, seria uma língua que funciona, Antunes (2003) cita quando ele a chama de “língua-em-função” (grifo do autor).

Para os PCN’s (1998), o ensino de gramática na escola não deve ser desarticulado das práticas de linguagem, tendo em vista que a gramática ensinada de forma descontextualizada visando apenas avaliar o aluno para obtenção de uma nota, e essa forma de ensino tornou-se um emblema de um conteúdo estritamente escolar. Algo que passa da metalíngua para uma língua de exemplificação, apenas como exercício de memorização de terminologia.

Podemos verificar essa questão na fala dos PCN’s quando estes nos dizem que: “Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão é o que, para que e como ensiná-la.” (BRASIL, 1998, p.28).

Segundo Possenti (1996) o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou fazer com que os alunos possam compreender a forma padrão da língua. Para o referido autor qualquer outra tese é um equívoco político e pedagógico, no qual se baseia no preconceito de que os falantes do português não padrão teriam dificuldades de aprender a forma padrão da língua. Abastecendo a questão Silva (2000) nos informa que a gramática ensinada na escola transgrede na preferência da forma escrita como uma determinada classe que pode ser julgada superior, dando voz ao dialeto da elite e silenciando outros usos.

Variação linguística: importância para o ensino

É sabido que cada comunidade tem suas próprias necessidades, e, para atendê-las se faz uso das variações linguísticas, assim como também é do conhecimento de todos que a língua oral não é falada da mesma maneira, e que cada região sofre essa diferenciação no modo de se comunicar.

A língua é algo que evolui ao longo do tempo. A língua padrão é tida como correta, apesar da importância dessa variação linguística, esquecendo-se que o português advém de outras variantes no decorrer do tempo. Os falantes, por sua vez, ainda são corrigidos como se a língua falada e escrita não fosse a mesma. A escola, por sua vez, não leva em consideração que a língua trilha junto com as mudanças sociais. Diferentemente do que afirma Marcos Bagno:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que para denegrir, ou condenar os seres humanos que a falam como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligente - é preciso mostrar em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferentes e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes, também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (BAGNO, 1999, p.16)

Ainda criança adquirimos a língua materna, já a língua escrita vem com o tempo, através de exercícios, treinamento, memorização. É a partir da escrita que conseguimos organizar as ideias, no entanto um aluno não necessariamente precisa escrever bem para expressar aquilo que necessita.

Na sociedade brasileira atual é bastante comum a luta contra os mais diversos tipos de preconceitos, porém essa luta não ocorre com frequência no tocante ao preconceito dialetal, amplamente divulgado e favorecido nos mais diferentes meios de comunicação, e como todos os outros não se fundamentam cientificamente, sendo o resultado da ignorância, da intolerância e da manipulação ideológica, através de uma série de afirmações descabidas (mitos e fantasias), as quais são derrubadas por meio de uma análise crítica.

Segundo Bagno (1999), observa-se que o ensino da língua materna brasileira está baseado nas normas gramaticais de Portugal e não contribui para uma boa aprendizagem do português, tendo em vista que as regras aprendidas no ambiente escolar não correspondem à língua que verdadeiramente é falada e utilizada no Brasil. Isso acontece por haver uma enorme diferença entre as regras estudadas ao longo dos anos nas instituições de ensino e a forma como o indivíduo se expressa cotidianamente. O referido autor enfatiza que todo e qualquer falante sabe utilizar naturalmente sua língua e é capaz de discernir intuitivamente se o enunciado obedece ou não ao conjunto de regras linguísticas de seu idioma. Sendo assim, atribuir a um determinado local ou comunidades de falantes uma norma para se falar o português, constitui uma afirmação extremamente preconceituosa, pois:

Todas variedades linguísticas atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades.

Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. Se o português de São Luís do Maranhão e de Belém do Pará, assim como de Florianópolis, conservou o pronome tu com as conjugações verbais lusitanas, é porque nessas regiões aconteceu, no período colonial, uma forte imigração de açorianos, cujo dialeto específico influenciou a variedade de português brasileiro falado naqueles locais. (BAGNO, 1999, p. 47-48)

Ao passo que, mesmo conservando o pronome “tu” em suas falas, os falantes do Maranhão constroem enunciados como: “**esse é um bom livro para ti ler**”, “**para mim fazer isso vou precisar da sua ajuda**” (BAGNO, 1999, p. 47, grifos do autor); os quais são visivelmente contrários (para ti ler/ para mim fazer) a determinadas regras da gramática normativa.

Bagno (1999) salienta ainda que é importante atentar para um fenômeno que vem tomando cada vez mais proporção no âmbito educacional: a dificuldade que muitas pessoas encontram no emprego das normas da gramática normativa do português, mesmo depois de concluírem seus estudos. Isso mostra que o português difundido pelos gramáticos tradicionalistas não tem sido visto ou ensinado de forma que possibilite às pessoas sentirem-se confiantes e prazerosas no momento de utilizar os recursos e seu idioma; ao contrário, tem-se preocupado apenas em estipular regras e conceitos arcaicos que não contribuem para um amplo conhecimento do português.

Tal aceção sobre a dificuldade de se aprender português serve como mais um dos instrumentos de sustentáculo à limitação do acesso ao conhecimento e, conseqüentemente à monopolização do poder nas mãos das classes sociais privilegiadas. Podem também ser vista como principal obstáculo para perfeita assimilação dessa língua, pois tal ideia interfere no interesse pelo conhecimento profundo e lapidado do português brasileiro.

METODOLOGIA

Nossa metodologia foi desenvolvida em uma turma de 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joao Suassuna, no turno da noite, na cidade interiorana de Catolé do Rocha. A referida turma é composta por 42 alunos matriculados, entre 18 e 50 anos. O projeto foi desenvolvido com auxílio da professora orientadora Ana Maria e desenvolvido semanalmente. Por conseguinte, o nosso trabalho tem a finalidade de desenvolver o senso crítico dos alunos, no que diz respeito as mais diversas manifestações como: buscar o reconhecimento e a valorização da cultura popular, a percepção das variações linguísticas de vocabulários, também promover a

reflexão do corpo discente acerca das práticas recorrentes de xenofobia e de aversão ao nordestino com base em atividades dialogadas como: realização de dinâmicas que tratam do saber e manifestações populares, assim como apreciação de textos e músicas de autores nordestinos, a exemplo ilustre de Patativa do Assaré e Zé Ramalho, respectivamente. Também foi explanados no curso do miniprojeto aulas de produção textual, atendendo a necessidade de se trabalhar o texto dissertativo argumento como quesito do Enem, e por se tratar de uma turma concluinte do ensino médio. Enfocando ainda o trabalho com o gênero Cordel, bastante característico da região aqui trabalhada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para dar início às atividades referentes ao projeto foi realizada a dinâmica intitulada de árvore nordestina (Figura 1), a qual tinha como objetivos:

- Identificar palavras que remetesse ao Nordeste;
- Refletir sobre a variação linguística e, por conseguinte, o preconceito linguístico;
- Participar de atividade dinâmica proposta.

Figura 1: Árvore Nordestina



Fonte: Wesley Hericles Almeida Lopes – 2017

Para que os objetivos elencados fossem alcançados, fez-se necessário ausentar explicações sobre os objetivos acima citados. A dinâmica teve início com a exposição de uma árvore de galhos secos, que fora exposta em frente à sala de aula. Em seguida, foi feita a entrega de um papel em branco em formato de folha para cada aluno, a fim de que eles escrevessem alguma palavra que tivesse relação com a região Nordeste, foi pedido ainda que eles utilizassem de sua criatividade. O último passo foi apresentar qual palavra eles haviam escrito e o porquê da escolha. Logo após, eles penduraram as folhas na árvore e encerramos a dinâmica refletindo todas as palavras escolhidas pelos alunos, em foi percebido uma grande variedade cultural, literária e musical apresentadas por eles, advindas da região nordestina.

Segundo Garcia Canclini:

Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar tradições. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e a política.

Dando continuidade às experiências vivenciadas pelo público alvo do miniprojeto, foram realizadas atividades expositivas e dialogadas como: a apreciação e escuta da música “Avohai” de Zé Ramalho, além de uma explanação da figura ilustre de Patativa do Assaré (Figura 2), no qual se pode trabalhar o cordel “ABC do Nordeste”.

Figura 2: Patativa do Assaré



Fonte: Alex Pereira do Nascimento – 2017

Através das atividades realizadas de apreciação e escuta de poesias e músicas, realizaram-se momentos de reflexão para que os educandos pudessem conhecer, incorporar e preservar os saberes culturais da região Nordeste, uma vez que muitas das obras as quais foram utilizadas para estudo, pouco eram conhecidas pelos alunos, mesmo que fossem enaltecidos artistas da terra ou da região nordestina, a exemplo de Zé Ramalho, cuja música trabalhada retrata a sua origem e história natalícia.

Além dos momentos de roda de conversa, em que os educandos expressavam seus pontos de vista e opiniões referentes aos aspectos culturais da região Nordeste, foi proposta a apresentação oral de seminários (Figura 3) sobre as manifestações que englobam a cultura da região, de maneira que fosse dividida uma temática para cada grupo, dentre elas: forró, vaquejada, festa junina, frevo, capoeira, artesanato e culinária.

Figura 3: Apresentação dos seminários



Fonte: Ramires Vieira Gomes – 2017

A partir da apresentação dos trabalhos, pode-se perceber o protagonismo e autenticidade dos alunos tanto na produção escrita dos trabalhos, bem como a dinamicidade das apresentações, em que foram utilizados os mais

variados recursos didáticos para melhor contextualizar as temáticas que abrangem a cultura nordestina, a exemplo da apresentação dos seminários referente aos artigos artesanais, em que a equipe fez uma minifeira de exposição de objetos feitos manualmente no intuito de valorizar a mão-de-obra regional. Outros grupos utilizaram músicas, danças e roupas características da região para melhor referir-se aos estilos de músicas nordestinas como: frevo, forró, festa junina e capoeira. Foram feitas áudio-visualizações de vaquejadas que acontecem na região e por fim, degustação de comidas típicas.

Ao término das atividades do projeto, sucedeu-se uma culminância (Figura 4) com exposição de objetos artesanais, trilha sonora de canções que caracterizam a região nordestina, e ainda, feira de comidas típicas trazidas pelos alunos para serem saboreadas.

Figura 4: Culminância das atividades



Fonte: Ana Maria Almeida Carneiro Diniz – 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprendemos, portanto, a importância da valorização à cultura nordestina, uma vez que guarda consigo uma grande herança cultural e de muita importância para o país. No decorrer do miniprojeto podemos perceber o quão importante é se falar dessa região, muitas vezes esquecida pelos próprios nordestinos.

Houve grande participação e envolvimento por parte dos alunos, tanto nas discussões, como nas atividades propostas. Esse relato de experiência faz parte do miniprojeto “Nordeste: conhecendo e valorizando sua cultura”, executado por

alunos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), com apoio da CAPES, da Universidade Estadual da Paraíba e da Escola EEEFM João Suassuna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Aulas de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 43. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 199

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Edusp: São Paulo, 2013.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (2000). **Tradição Gramatical e Gramática Tradicional**. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2000.

